A EVOLUÇÃO URBANA DE CAMPO BOM

R. Copstein

Professor Assistente da Cadeira de Geografia Humana da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

INTRODUÇÃO (*)

O estabelecimento de imigrantes alemães em terras do Rio Grande do Sul, no primeiro quartel do século passado, veio dar a uma parte da paisagem gaúcha um aspecto peculiar, diverso do existente nas áreas de ocupação portuguesa. Os lusos, tanto ilhéus como metropolitanos, ao trocarem a agricultura em favor da pecuária, interessaram-se, primordialmente, pela ocupação das terras de campo. A região das matas ficaria abandonada até que, por iniciativa governamental, elementos não ibéricos passassem a explorá-las.

As antigas colônias alemãs espalharam-se, entre 1824 e 1890, num vasto retângulo de mais de 26.000 km², situados entre Tôrres e Santa Maria, entre o baixo vale do Jacuí e a curva de altitude de 300 metros, isto é, na base da vertente monoclinal do planalto, em que este é mais largamente entalhado pelos vales inferiores dos rios que dele descem ¹⁾.

No vale dos Sinos, o governo imperial destinou aos alemães a gleba de propriedade da coroa que, anteriormente, constituía a Real Feitoria do Linho Cânhamo, origem do antigo município de São Leopoldo.

Organizaram os poderes públicos um sistema de pequena propriedade, onde os colonos praticaram uma agricultura diversificada e de grande rendimento inicial. Transplantados

(*) — O autor cumpre o dever de agradecer à Prof.^a Gisela Ludwig pela colaboração prestada na coleta de dados, organização de cartogramas, e consulta de bibliografia alemã; à Prof.^a Alba M. B. Gomes pelo auxílio na descrição do quadro natural; ao Prof. Santos Vidarte pela revelação das fotos; aos campobonenses e a todos aqueles que concorreram para a feitura deste trabalho.

1) — ROCHE, Jean — As Bases Físicas e a Ocupação do Solo no Rio Grande do Sul. Boletim Paulista de Geografia, (28) pg. 65.

para um meio diverso do europeu, seu trabalho foi muito mais o fruto de técnicas locais do que das experiências que porventura trouxeram do Velho Mundo.

Quando a fertilidade natural da terra foi desaparecendo sem que se procurasse dar o corretivo necessário, a produção agrícola decaiu e surgiu um parque fabril, caracterizando a atividade urbana de vários núcleos desenvolvidos na antiga área colonial. Florescentes sedes de atuais municípios foram o resultado da passagem da atividade agrícola para a industrial. Nos dias que correm, as rendas arrecadadas pelos cofres públicos nesses municípios correspondem às maiores contribuições "per capita" do País.

Campo Bom, objeto deste estudo, espelha, em largos traços, a evolução dos burgos surgidos na velha área de colonização, sem, no entanto, deixar de apresentar características que o individualizam.

A OCUPAÇÃO DA TERRA

Vias precárias constituíram os caminhos de ocupação da região onde se estabeleceram os imigrantes alemães.

O acesso para as terras da Colônia se fez através do Rio dos Sinos que apresentava uma navegação franca até o Passo da Olaria. Para montante o tráfego pelo rio sempre foi irregular. Os caminhos primitivos abertos na floresta desempenharam um papel muito mais importante do que a comunicação fluvial. Não se quer negar a influência desta, mas, em conjunto, apesar de rudimentar, a rede de caminhos terrestres foi decisiva no desenvolvimento colonial. O rio aumenta de importância no que tange ao tráfego entre São Leopoldo e Porto Alegre. São Leopoldo cresceu em virtude de centralizar a produção do "hinterland" que se destinava à Capital.

A necessidade de criar uma povoação para concentrar os negócios coloniais levou o Visconde de São Leopoldo a escolher um sítio nas proximidades do Arroio Weintz, à margem direita dos Sinos ²⁾. A situação do Passo da Olaria, onde desembocava o antigo Caminho das Tropas de Cima da Serra, condicionou, no entanto, o aparecimento de São Leopoldo.

No governo do Conde de Caxias ³⁾, o Rio Grande do

2) — PETRY, Leopoldo — São Leopoldo, Berço da Colonização Alemã do Rio Grande do Sul, pg. 48-49.

3) — ROCHE, Jean — La Colonisation Allemande et le Rio Grande do Sul, pg. 68.

CAMPO BOM

LOTES COLONIAIS

Baseado na Planta Topográfica de uma Parte do
Município de São Leopoldo - Ernst Múzel 1870

cul conheceu a primeira tentativa de melhoria de estradas, e, na região em estudo, fêz-se a ligação com o planalto por um novo caminho que se estende paralelamente à margem direita do Rio dos Sinos. Essa rota será essencial para o desenvolvimento de Novo Hamburgo e Campo Bom, principalmente do primeiro, em virtude das novas oportunidades comerciais que surgem entre áreas de economia diversa.

Umas das picadas abertas, quando do loteamento da Real Fitoria do Linho Cânhamo, passou pelas terras conhecidas como do Campo Bom. Estas, segundo a Carta Topográfica de Müzell ⁴⁾, estendiam-se pela Costa da Serra e Estância Velha. Parte daquelas terras estavam ocupadas, então, por elementos de descendência lusa que se dedicavam à pecuária. Entretanto, como a Real Fitoria não tinha limites bem conhecidos, os funcionários encarregados do levantamento incluíram as terras de Campo Bom como propriedade do Estado. Uma demanda judicial será a consequência deste fato ⁵⁾.

A existência de criação está a demonstrar que parte das terras era coberta de pastagens. É possível que, anteriormente, tropas vindas de Cima da Serra fizessem pouso neste sítio, donde o nome Campo Bom ⁶⁾.

Os lotes distribuídos entre os colonos que chegaram nas primeiras levas possuíam 220 metros de frente e totalizavam uma superfície de 70 a 75 hectares ⁷⁾. Os situados ao sul da picada da Costa da Serra limitavam-se com as terras baixas dos Sinos e as do lado oposto chegavam à Linha de Dois Irmãos e Quatro Colônias (Carta dos Lotes Coloniais).

A paisagem botânica de Campo Bom, no século passado, era constituída por áreas florestais e áreas de Campo ⁸⁾. O travessão passava, a partir de Hamburgo Velho, à beira da mata tropical que se estendia pelas colinas situadas ao norte do caminho. Nos terraços dominavam espécies de pequeno porte.

O colono alemão mostrou sempre preferência por cultivar os terrenos de mata. A área colinosa das propriedades era aproveitada para o plantio de cereais, leguminosas e oleaginosas e nas terras baixas, arroz, milho e forragem ⁹⁾. O

4) — MÜZZELL, Ernst — Planta Topográfica de uma Parte do Município de São Leopoldo. 1870.

5) — HILLEBRAND, João D. — Relatório apresentado ao Governo da Província pelo Dr. João Daniel Hillebrand, Ex-Diretor das Colônias, 1854, pg. 363.

6) — BLOS, Edwino — O Novo Município de Campo Bom. pg. 3.

7) — RAMBO, Balduino Pe. — A Imigração Alemã. Enciclopédia Riograndense, vol. 1 pg. 86.

8) — Die Deutsch-Evangelische Gemeinde in Campo Bom.

9) — HILLEBRAND — Op. cit. p. 445.

preparo da terra destinada às principais lides agrícolas era feito com sacrifício da cobertura natural. Desarmado para lutar contra uma natureza que lhe era desconhecida, adotou o colono a técnica do homem tropical: a queimada. Avé-Lallemant ¹⁰⁾ ao descrever a queimada da floresta, nas proximidades da "Serra de Hamburgo", assim se expressou: "Estamos à margem de um vasto campo de batalha. Centenas, milhares de troncos carbonizados jazem na inclinada encosta. Alguns ainda dê pé, tostados pelo incêndio, estendem os galhos negros súplices, clamando a vingança do céu até que o machado se ajunte ao fogo que já o precedera, e o tronco, ferido pelo ferro, se precipite no abismo. E no meio dêste caos de aniquilamento ondulam viçosos milharais e feijoads; em volta, esplêndidos laranjais; em verdejantes encostas pastam o gado e à orla da mata relincham os cavalos; ladram os cães e chega-se a uma genuína casa de colono".

Tem-se nesta descrição do naturalista alemão o sistema denominado por Waibel de Rotação de Terras Primitivas que evoluiu para o de Rotação de Terras Melhoradas. Apesar das críticas que se podem fazer aos sistemas agrícolas adotados, é certo que, inicialmente, aproveitando a fertilidade natural da terra, os colonos obtiveram rendimentos compensadores que levaram muitos estudiosos a considerar bem sucedida uma agricultura de métodos primitivos.

A inexistência de dados sobre produção quantitativa das terras de Campo Bom não impede uma apreciação do que constituiu a agricultura dos primeiros tempos. O Relatório de Hillebrand ¹¹⁾ informa que na Colônia de S. Leopoldo, em 28 de junho de 1826, dois anos após a chegada dos primeiros colonos, cultivavam-se feijão e cereais. A agricultura, acrescenta o diretor da Colônia, não poderia ser mais desenvolvida "porque tendo a maior parte dêstes colonos já domiciliados, chegado há mui pouco tempo, tem sido necessário primeiro fazerem seus ranchamentos..." Ainda se cultivavam batatas, abóboras e algumas leguminosas ¹²⁾. Um quarto de século após, a produção colonial era bastante mais variada. Além daqueles produtos alimentares, plantava-se algodão, linho, cânhamo, cana-de-açúcar, fumo, verdura, mandioca, arroz, cevada, aveia, feno, amendoim, etc. Explorava-se a erva-maté, tentava-se a cultura do chá e do café. Criava-se

10) — AVÉ-LALLEMANT, Roberto — Viagem pelo Sul do Brasil no Ano 1858. p. 109-110.

11) — HILLEBRAND — Op. cit. p. 461.

12) — HILLEBRAND — Op. cit. p. 401.

CAMPO BOM

PLANTA TOPOGRÁFICA

N

- CONVENÇÕES
- ARROIO
 - ACUDE
 - BANHADO
 - CANAL
 - CURVA DE NÍVEL
 - LAGOA
 - RIO
 - T₁ TERRAÇO 1
 - T₂ TERRAÇO 2

gado leiteiro, suínos e aves. Certas culturas, porém, foram tentadas sem êxito. Umas por serem impróprias à região, outras, talvez, por falta de recursos técnicos. O trigo não vingou, atribui-se à "ferrugem" o seu desaparecimento precoce. O algodão apesar de atingir 3 ou 4 mil arrobas em 1853, não constituiu riqueza da Colônia. A tentativa de plantio de chá e café mostra a falta de qualquer orientação técnica. A cana-de-açúcar trouxe problemas ¹³⁾ ligados à variedade utilizada e ao enfraquecimento do solo.

Se o sistema agrícola empregado e as culturas praticadas foram, de um modo geral, as mesmas em toda a antiga Colônia, os resultados obtidos variaram no tempo e no espaço. A porção sul, onde se situa Campo Bom, apresenta terrenos que não se caracterizam pela fertilidade; os solos, resultantes da recomposição do arenito Botucatu, são bastante pobres ¹⁴⁾. Nesses solos, logo após o desmatamento, obtiveram-se safras compensadoras, mas a medida que os anos se sucederam, sem que a terra recebesse de volta ao menos parte do que dispendia, a produção entrou em declínio.

O aumento da cultura da mandioca na região corresponde à decadência da agricultura que se fará sentir já no século da colonização ¹⁵⁾. Por volta de 1850, começa a crescer a produção de farinha de mandioca. Hillebrand atribuiu esse aumento à introdução de novas máquinas para a fabricação de farinha e à abundância de mão-de-obra. Mesmo levando em conta a existência de um mercado comprador, tudo induz a crer que a expansão da euforbiácea acha-se relacionada com o empobrecimento da terra. No início do século atual, são os relatórios governamentais ¹⁶⁾, sempre otimistas no que se refere à obra colonial, que chamam a atenção dos problemas da agricultura. Já se registra inclusive a partida de famílias ligadas à atividade rural para outras regiões.

Concomitantemente ao trabalho agrícola, apareceram as primeiras indústrias rurais. Pela Colônia distribuem-se pequenos moinhos de cereais, engenhos de cana, atafonas e serrarias. Sabe-se que, em Campo Bom, no início deste século,

13) — Idem, idem p. 413.

14) — VALVERDE, Orlando — *Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul*. Rev. Brasileira de Geografia Ano X (4) pg. 480.

15) — WAIBEL, Leo — *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*, pg. 307.

16) — RELATÓRIO 1922 — Apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo Intendente Mansueto Bernardi em 12 de outubro de 1922. pg. 14-15.

o número de atafonas atingiu a cerca de 20 ¹⁷⁾, além daqueles outros tipos de instalações.

Se a preocupação do governo imperial foi trazer pessoal habilitado no trabalho da terra, as levas de imigrantes, entretanto, compunham-se não só de camponeses mas, também, de outros profissionais. A relação dos componentes dos dois primeiros grupos (chegados em 25 de julho e 6 de novembro de 1824) mostra que, de um total de 42 homens, apenas 18 possuíam qualificação para as lides campestres ¹⁸⁾. Hillebrand destaca a atividade artesanal desde o primeiro ano da colonização ¹⁹⁾. Criaram-se olarias e fábricas de louça, graças à existência de material argiloso abundante às margens do Rio dos Sinos. O comércio de couros com a região de Cima da Serra propiciou o aparecimento de Curtumes e pequenos estabelecimentos de artefatos de couro. O requinte que os mesmos atingiram é revelado pelo artesanato de metais destinados a ornamentar lombilhos e demais aperos usados nas montarias. Os retalhos das selarias eram aproveitados para o fabrico de chinelos.

Em Campo Bom, em fins do século, existiam três curtumes que se abasteciam com couros provenientes de Cima da Serra e uma olaria e fábrica de louças nas proximidades de Pôrto Blos, chinelaria além de outros estabelecimentos artesanais.

POSIÇÃO E SÍTIO DE CAMPO BOM

Campo Bom localiza-se à margem direita do Rio dos Sinos, em seu curso médio. A região de Campo Bom inclui-se na área de terrenos de Botucatu que antecedem as escarpas basálticas situadas ao norte. A topografia apresenta-se sob a forma de colinas de modelado bastante suave que circundam a cidade, não ultrapassando a altitude de 100 metros. Ao norte da área urbana, constata-se a presença de um dique de diabásio. A cobertura vegetal das colinas é constituída por gramíneas e gerivás, havendo, também, grandes extensões plantadas de eucaliptos e acácias (Foto 1). O arenito, em qualquer das áreas visitadas, é bastante friável e sua coloração varia do amarelo ocre ao avermelhado.

17) — Informação de antigo morador.

18) — HUNDERT Jahre Deutschtum in Rio Grande do Sul 1824-1924 pg. 550.

19) — HILLEBRAND — Op. cit.

Os Sinos e seu tributário, Arroio Schmidt, são os responsáveis pela drenagem da área. (Planta topográfica). O rio, aqui, descreve dois meandros e apresenta uma larga várzea com lagos residuais e açudes. As suas aluviões, ricas em argila, são aproveitadas para o fabrico de telhas e tijolos.

Verifica-se, na área em estudo, dois níveis de terraços: o primeiro, T_1 na cota de 10 a 12 metros e o segundo, T_2 na cota de 20 metros. Parece que se trata de terraços esculpidos pelo tributário dos Sinos ²⁰⁾ que modelou e contorna as colinas de arenito, a leste e ao norte. O T_2 descamba suavemente em direção às margens do Arroio. Torna-se difícil marcar o contato entre este terraço e as colinas areníticas, em virtude do mascaramento ocasionado pelos depósitos de vertente.

Os terraços desempenham papel fundamental na paisagem urbana. A cidade desenvolveu-se na direção leste-oeste, acompanhando a estrada (Av. Brasil) que foi traçada sobre o terraço mais antigo. Somente agora e, timidamente, as vertentes menos íngremes começam a ser urbanizadas. No terraço mais recente localizou-se a indústria oleira, uma das mais antigas da cidade.

A EVOLUÇÃO URBANA

Ao tomar posse do seu lote, o imigrante preocupou-se com a construção da casa. A disposição da propriedade condicionou o local da moradia, à margem da picada; esta permitia as comunicações entre os vizinhos, que muitas vezes eram ligados por laços de parentesco ²¹⁾, e com o exterior. Assim, surgiram na área colonial diversos núcleos de povoamento linear. Deve-se acentuar que esta disposição, como muito bem observa Roche, ²²⁾ não se relaciona com a existente na região montanhosa do Leste alemão. No Brasil, a organização deste habitat não resultou de um movimento espontâneo, lotes e caminhos foram previamente demarcados pelas autoridades. Sobre a distribuição das casas, Graciano

20) — O Prof. R. Morris, em "Geologia das Quadriculas de Gravataí, Taquara e Rolante", publicação n.º 5 da Escola de Geologia de Porto Alegre, pg. 30, diz: "Em vales tributários do vale do Rio dos Sinos, as antigas planícies de inundação foram recortadas em uma série de terraços fluviais, devido ao ligeiro rejuvenescimento recente dos rios. Perto da Picada Hartz existem 3 terraços assim desenvolvidos, com um desnível de 10 metros entre o terraço mais alto e o terraço mais baixo".

21) — RAMBO — Op. cit. pg. 84.

22) — ROCHE — Op. cit. pg. 175.

FOTO 1 — O SÍTIO DE CAMPO BOM — A cidade ocupa os terraços e começa a estender-se pelas encostas das ru

A. de Azambuja deixou uma valiosa descrição das picadas ²³⁾: "Há lugares em que as habitações ficam aos lados do caminho e próximas umas das outras (porque os lotes coloniais tinham a largura de 100 braças); noutros as casas se afastam da estrada sem dúvida para ficarem próximas de vertentes ou de cursos d'água quando êstes permitem o estabelecimento de moinhos — raramente deixam de ser aproveitados para tal fim".

Quanto ao sítio para a construção da casa, o colono cuidava para que o mesmo não fôsse alagadiço ou íngreme ²⁴⁾. Entretanto, como salienta Graciano A. de Azambuja, a necessidade de força motriz, em alguns casos, condicionou o sítio às proximidades de cursos d'água.

As primitivas habitações eram constituídas por cabanas rústicas ²⁵⁾ de inspiração cabocla que foram substituídas, em seguida, graças ao sucesso obtido pelo agricultor nas primeiras colheitas. Aparece, então, a casa de enxaimel (Fachwerk), síntese de elementos importados da Alemanha e de elementos do meio brasileiro ²⁶⁾.

Nas picadas ainda se situavam a escola, salão de baile, igreja, casa paroquial e cemitério.

Em Campo Bom, a Avenida Brasil, principal via de acesso à cidade resultou da retificação da picada (Foto 2). Eixo inicial do povoamento, a atual avenida viu surgir, em seus lados, as primeiras habitações, a igreja, a escola e o cemitério, cuja disposição originou a povoação do tipo Waldhufendorf. Velhas casas de enxaimel ainda ali existem, umas inalteradas, outras modificadas (Foto 3), testemunham o primitivo plano linear da atual cidade.

A ligação do núcleo com a margem dos Sinos era feita através de um caminho que partia do extremo oriental da picada, em direção sudeste, atingindo um ancoradouro denominado Pôrto Blos. Até o início do século, eram raríssimas as casas nesta via de acesso ao pôrto e mesmo junto ao rio.

O Rio dos Sinos pouca importância teve no desenvolvimento de Campo Bom. A navegação, que tinha seu ponto final em Taquara, ²⁷⁾ era extremamente irregular.

23) — AZAMBUJA, Graciano A. de — *Belezas Naturaes do Rio Grande do Sul. Annuário do Estado do Grande do Sul*, 1896. pg. 180.

24) — ROCHE — *Op. cit.* pg. 175.

25) — Idem — Idem, pg. 166.

26) — Idem — Idem, pg. 167.

27) — ANNUÁRIO do Estado do Rio Grande do Sul para 1904, publicado sob a Direção de Graciano A. de Azambuja. pg. 371.

FOTO 2 — Trecho da Av. Brasil, principal via de acesso à cidade (foto do autor)

Pôrto Blos foi um ancoradouro rudimentar. O pequeno depósito de mercadorias que ali existia não foi construído para tal fim; era um anexo da fábrica de louças. Ao que parece, em grande parte, os excedentes agrícolas atingiam São Leopoldo por via terrestre. A indústria oleira utilizou o rio para escoar a sua produção, mas sua importância, em Campo Bom, data deste século.

A inauguração da linha férrea Pôrto Alegre-Taquara, em 1903, trouxe modificações sensíveis às vilas do vale do Rio dos Sinos.

O leito da estrada, a partir de Nôvo Hamburgo, desenvolve-se na meia encosta das colinas, ao penetrar em Campo Bom, procura as terras planas do terraço. Além de propiciar um transporte regular, a ferrovia influenciou de forma marcante a evolução de Campo Bom. A estação, erguida a algumas dezenas de metros ao norte do término da antiga picada, atraiu indústrias e casas de comércio, originando o trecho inicial da Rua dos Andradas, via de acesso à estrada de Sapiranga (planta funcional e planta da evolução urbana).

Ainda, na segunda década do século, o desenvolvimento da indústria de artefatos de barro, na área ribeirinha, cria, em tôrno das olarias, pequenos aglomerados de habitações de operários e nas proximidades, as residências dos proprietários (planta funcional).

Por volta de 1920, Campo Bom começa adquirir a fisionomia atual. Desenvolve-se ao longo da Avenida Brasil, ao redor da estação ferroviária e junto às olarias (planta da evolução urbana).

A planta funcional mostra a existência de uma área de alta concentração industrial e comercial que não surgiu como decorrência da evolução natural da Waldhufendorf e nem da indústria criada à margem do rio. O nascimento e a evolução desta área prendeu-se a uma topografia favorável que comandou o traçado da estrada de ferro e ofereceu espaço propício para a expansão da indústria. A urbanização, partindo das proximidades da estação, progrediu em direção oeste e resultou no prolongamento da Avenida Brasil; modificou-se o traçado do caminho para Pôrto Blos com o surgimento da Avenida Presidente Vargas. Esta avenida marca a urbanização para sudeste (planta da evolução urbana).

A característica mais importante do centro da cidade é o seu aspecto altamente industrial. Ali se encontram, também, 3/4 das casas de negócio. Nos principais trechos das

FOTO 3 — Casa de enxaimel situada na Av. Brasil. O telhado original foi substituído (foto do autor)

ruas centrais predominam habitações de alvenaria, com bom aspecto, e, geralmente nas proximidades de cada estabelecimento fabril, destaca-se uma ou mais casas pelo seu porte e relativo luxo. São as residências pertencentes aos industriais. As ruas, bastante agradáveis e limpas, foram arborizadas recentemente; são calçadas com pedra irregular em quase toda a extensão. A iluminação é constituída por lâmpadas fluorescentes.

A Avenida Brasil passou por diversas fases em sua evolução. Via de penetração terrestre, nos primórdios da colonização, viu crescer sua importância à medida que aumentava o transporte rodoviário. Estrada carroçável apresentava sério óbice: uma rampa de 18%, existente na colina (Morro Schirmer) à entrada do núcleo. Em dias de chuva, esta lombada tornava extremamente difícil o trânsito de veículos²⁸⁾. A construção de uma variante, no fim da década de 1920, contornando a colina, veio solucionar o inconveniente. Mesmo na fase áurea da estrada de Ferro, o leito da antiga picada apresentava um movimento razoável de viaturas de tração animal, que se dirigiam para Novo Hamburgo. Mas 1933 é que vai registrar o aparecimento da primeira linha de ônibus para aquela cidade. O grande surto apresentado após a guerra pelo transporte rodoviário refletiu-se, obviamente, na Avenida Brasil, agora principal via de escoamento da produção industrial. Em 1961 foi alargada e pavimentada. A observação do casario da Avenida revela uma urbanização mais lenta do que na área central. Numerosas casas de enxaimel estão a marcar a rede dos antigos lotes. Entre elas foram surgindo novas construções à medida que as terras se subdividiam, seja por venda, seja em consequência do direito hereditário. Um novo tipo de habitação (foto 4) apareceu. É a casa de frontão, de influência germânica²⁹⁾, muito comum na área colonial alemã. Estas residências que apresentam um aspecto bem melhor do que a de enxaimel, foram construídas entre 1915 e 1940³⁰⁾. De permeio, observam-se ainda, na avenida, construções mais modernas. As casas são, de um modo geral, bem conservadas. Apesar de sua importância como estrada, a Avenida Brasil é predô-

28) — RELATÓRIO 1929 apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Theodor Porto da Fonseca em 12 de outubro de 1929, pg. 152.

29) — ROCHE — Op. cit., pg. 171.

30) — ROCHE — Op. cit., pg. 171.

mirantemente residencial. Com esta função apresentam-se, também, as ruas transversais.

O crescimento do parque industrial campebonense vai refletir-se na modificação das terras adjacentes à Avenida Brasil. A diferença de urbanização das mesmas liga-se à topografia. Os terrenos do terraço 2 (T_2), sendo planos, facilitaram a abertura de ruas que se estendem até o Arroio. (Observar as plantas). Os declives apresentados pelas colinas situadas ao sul da avenida, permitiram, até agora, apenas o aproveitamento das áreas pouco íngremes. Os loteamentos iniciaram-se por volta de 1940 e o casario, que hoje cobre de um modo especial a porção norte, veio atender à afluência de trabalhadores provenientes de municípios circunvizinhos, principalmente a partir de 1950. Nestas transversais predominam as casas de madeira, como acontece em grande parte das áreas periféricas ao centro. A construção deste tipo de moradia, geralmente habitada pelo próprio dono, acha-se ligada às facilidades de crédito oferecidas. São casas pequenas, de conservação regular, dotadas de pátio e horta.

A indústria oleira determina a fisionomia do habitat à margem do rio. Nos vastos terrenos das olarias, encontram-se construções rústicas destinadas à habitação dos operários. Dominam as casas de tijolo, sem rebôco, cobertura de telha com uma ou duas peças. As janelas são desprovidas de vidraças e dotadas de grosseiros tampões de madeira. (Foto 5). O terreno de cada casa é circundado por uma cerca de taquara e, na parte dos fundos, localiza-se o pomar. Dispõem-se as casas ao longo de estreitos caminhos que desembocam num terreno baldio próximo à olaria. As de madeira também não apresentam bom estado de conservação. Seu número é bastante reduzido. Alguns trabalhadores conseguiram adquirir, mediante compra, a sua residência. Outros pagam um modesto aluguel. Não se observam novas construções em torno das olarias. A tendência é para a diminuição das existentes, em virtude da redução da mão-de-obra permanente. Nesses aglomerados o comércio é inexistente.

A abertura de novas ruas, à medida que Campo Bom cresceu, não se fez de forma desordenada, um plano ortogonal desenvolveu-se a partir da antiga linha colonial, caracterizando a cidade.

A POPULAÇÃO

A corrente migratória alemã apresenta um fluxo contínuo, entre 1824 e 1830, quando se interrompe para reencetar a partir de 1844 ³¹⁾. Os primeiros grupos provieram, principalmente, do noroeste alemão — Hamburgo, Holstein, Mecklenburg, Hannover — após 1827, da região do médio Reno e do Mosela ³²⁾.

Nos seis anos iniciais, a Colônia totalizava 4.856 pessoas ³³⁾. Os primeiros dados específicos sobre Campo Bom são os constantes no quadro 1.

QUADRO 1 ³⁴⁾

População de Campo Bom

Ano	Homens	Mulheres	Total
1/1/1846	229	195	424
1/1/1849	259	194	453
1/7/1850	248	226	474

A composição populacional por grupos de idade, ao iniciar-se a segunda metade do século, revela uma população jovem com predominância de elementos masculinos (fig. 1). A religião dominante era a evangélica, praticada por 80% dos moradores ³⁵⁾.

Em relação ao total da Colônia, a população de Campo Bom, em 1846, correspondia a 7,2% e, em 1850, a 5,2%. Comparando o crescimento populacional de Campo Bom com o da Colônia de São Leopoldo, nota-se que enquanto na última houve um incremento de 55,4%, entre 1846 e 1849, o de Campo Bom atingiu a 4,5%. Esta expressiva diferença leva a concluir que a migração para Campo Bom, praticamente, cessara por esta época.

31) — PELLANDA, Ernesto — A Colonização Germânica no Rio Grande do Sul pg. 21-24.

32) — RAMBO — Op. cit. pg. 82.

33) — HILLEBRAND — Op. cit. pg. 446.

34) — HILLEBRAND — Op. cit. Quadros 4, 12, 14.

35) — HILLEBRAND — Op. cit. Quadro 15.

CAMPO BOM

PIRÂMIDE DE IDADES - 1850

A população não germânica era diminuta, descendia de indígenas ou de lusitanos ³⁶⁾. Em 1846, em toda a Colônia esses correspondiam apenas a 7,1%.

Há falta de dados, entre 1850 e 1940, que se refiram particularmente ao número de campobonenses, pois se acham incluídos nos levantamentos que correspondem a São Leopoldo. O Departamento Estadual de Estatística passou a publicar regularmente os dados referentes à natalidade e mortalidade, em 1938. Sabe-se que, na Colônia de São Leopoldo, as famílias eram bastante prolíficas, não sendo raros os casais com 10 filhos ³⁷⁾.

QUADRO 2 ³⁸⁾

População de Campo Bom

Ano	Pop. Urbana	Pop. Rural	Total
1940	1.696	1.306	3.002
1950	3.069	1.588	4.657
1960	7.364	1.177	8.541

Os censos de 1940, 1950 e 1960 (Quadro 2) revelam, nestes últimos 20 anos, um aumento apreciável da população municipal, e de maior concentração na área urbana. A taxa anual de crescimento corresponde a 4,48% e 6,25%, respectivamente, nos períodos 1940/1950 e 1950/1960.

Entre 1950 e 1960, o aumento foi de 85%. Nenhuma das unidades lindeiras apresentou esta porcentagem (Quadro 3). Dos municípios industrializados do vale do Rio dos Sinos, somente São Leopoldo ³⁹⁾ com 97%, o ultrapassou.

36) — PETRY, Leopoldo — *Nôvo Hamburgo, Florescente Município do Vale do Rio dos Sinos* pg. 25.

37) — ROCHE — *Op. cit.* pg. 128.

38) — CENSO Demográfico do Estado do Rio Grande do Sul: 1940, 1950, 1960.

39) — COPSTEIN, Raphael et alii — *Aspectos Popacionais do Rio Grande do Sul 1950-1960*.

QUADRO 3 ³⁹⁾

Crescimento da população total

Município	%
Campo Bom	85
Nôvo Hamburgo	83
Sapiranga ..	72
Dois Irmãos	12
Taquara	-7

Dos 8.541 habitantes registrados pelo último censo, 86,3% foram classificados como urbanos. De 3.069 habitantes, em 1950, a sede passou a 7.364 habitantes, o que corresponde em números relativos a um aumento de 139%. Pelo quadro 4 pode-se verificar, no que se refere ao crescimento da população urbana, a posição de Campo Bom entre os municípios limítrofes.

Na década 1940/1950, o incremento da população urbana, se bem que bastante alto, foi inferior ao do decênio seguinte. Em 1940, a cidade possuía 1.696 habitantes, em 1950, 3.094 habitantes, ou seja, um aumento de 80,9%. O maior desenvolvimento do parque industrial no último período vai explicar esta diferença.

QUADRO 4 ³⁹⁾

Crescimento da população urbana

Município	%
Campo Bom	139
Sapiranga	128
Nôvo Hamburgo	119
Dois Irmãos	92
Taquara	55

O decréscimo da população rural no Município tem sido constante. Em 1940, 43,5% dos habitantes foram classificados como rurais. Em 1950, essa porcentagem foi reduzida a 34% e, em 1960, atingiu 13,7%. Entre 1940 e 1950, em valores absolutos, a população rural cresceu de 282 pessoas, mas os dados do período 1950/1960 revelam um decréscimo de 411 indivíduos.

No decênio 1940/1950, o crescimento natural de população de Campo Bom totalizou 623 indivíduos ⁴⁰⁾ que adicionados aos registrados pelo censo de 1940, somariam 3.625; no entanto, em 1950, o contingente era de 4.657 pessoas. No decênio seguinte, o aumento vegetativo foi de 1.282 indivíduos e o censo apurou 8.541 residentes no Município. A diferença entre os censos de 1940 e 1950, subtraído o crescimento natural, correspondeu a 1.032 habitantes e no decênio seguinte, a 2.602. Estas diferenças constituem a contribuição de várias comunas que naqueles espaços de tempo forneceram, respectivamente, 62,3% e 66,9% do incremento populacional, explicando, assim, as elevadas taxas de crescimento observadas no Município.

Não existindo controle quanto à entrada de indivíduos de outras procedências, procurou-se, através de um inquérito escolar, estabelecer a área de influência migratória da cidade. O inquérito revelou que 30% dos declarantes e seus pais nasceram em Campo Bom, 52% procediam de oito municípios situados em um raio de 50 km, 18% provinham de outros pontos do Estado. No total, 42 municípios contribuíram para a corrente migratória que se dirige para Campo Bom. O cartograma 1 baseado nos dados do quadro 5 mostra a principal área de influência migratória. Dadas as diferenças das atividades predominantes nos municípios que a compõem, pode-se dividi-los em dois grupos. O primeiro compreendido por Taquara, Rolante, Santo Antônio, São Francisco de Paula e Três Coroas. O desenvolvimento populacional destes municípios, na década 1950/1960 indica uma pequena porcentagem de aumento em dois deles, enquanto os restantes tiveram os seus efetivos diminuídos. A coluna relativa à população rural do quadro 6 mostra a redução populacional. O êxodo rural reflete-se no crescimento das respectivas áreas urbanas. Como estas não têm condições para absorver todos os excedentes, estes vão buscar trabalho noutras comu-

40) — Anuário Demográfico do Rio Grande do Sul. Div. Anos.

QUADRO 5 41)

Município de origem da população migrante

Município	%
Taquara	28,0
Rolante	10,0
Nôvo Hamburgo	10,0
Sapiranga	9,5
Santo Antônio	8,5
São Francisco de Paula	3,5
Três Coroas	3,0
São Leopoldo	2,5
Outros	25,0
Total	100,0

nas. A agro-pecuária é a atividade dominante neste primeiro grupo. O tamanho das propriedades, além de serem reduzidas, dado o sistema agrícola praticado, rotação de terras, apresentam o problema da diminuição constante da produção em virtude do cansaço do solo. A pecuária é extensiva; a terra não tem capacidade de sustento para todos, obrigando a saída de contingentes humanos que são atraídos pela área industrial vizinha. Campo Bom, que acompanha o desenvolvimento da indústria coureira do vale dos Sinos, absorve parte dos retirantes daquela área agro-pastoril. O segundo grupo, formado por Nôvo Hamburgo, São Leopoldo e Sapiranga, integra a área industrial a que Campo Bom pertence. O deslocamento de população nestes municípios tem duas procedências. A área rural, possuindo uma agricultura com os mesmos problemas do grupo anterior, envia indivíduos tanto para as respectivas sedes como para as vizinhas. A contribuição urbana é formada, principalmente, por elementos não especializados. Observa-se ainda um deslocamento de operários qualificados entre êstes municípios. Êste último movimento, ao que tudo indica, deve constituir uma

41) — INQUÉRITO Escolar.

MIGRAÇÕES PARA CAMPO BOM

PORCENTAGEM DE MIGRANTES POR
MUNICÍPIO DE ORIGEM

MUNICÍPIOS

- 1 TAQUARA
- 2 ROLANTE
- 3 NOVO HAMBURGO
- 4 SAPIRANGA
- 5 SANTO ANTÔNIO
- 6 SÃO FRANCISCO DE PAULA
- 7 TRÊS CORÓAS
- 8 SÃO LEOPOLDO

QUADRO 6 ⁴²⁾

Crescimento da população 1950/1960

Município	Pop. Total %	Pop. Urbana %	Pop. Rural %
S. Francisco de Paula	21	119	7
Santo Antônio.	8	210	—9
Rolante	—2	21	—4
Taquara	—7	55	—29
Três Coroas ..	—17	67	—29

troca comum de pessoal entre indústrias próximas do mesmo ramo.

Dos elementos que se dirigiram para Campo Bom, 53% exerciam em seus municípios de origem atividades ligadas à agricultura, 39%, industriais e 8% possuíam outras ocupações. Quanto aos indivíduos de procedência rural, 73% foram absorvidos pela indústria, que também empregou 77% dos migrantes provenientes das entidades fabris vizinhas.

Não tendo sido publicados os resultados censitários referentes à população ativa, procurou-se, através de dados colhidos junto à Prefeitura Municipal, avaliar o número de empregados na indústria. Para os outros ramos de atividade calculou-se, aproximadamente, o número de pessoas que os mesmos ocupam. Desta forma a população ativa da cidade de Campo Bom foi estimada, em 1963, em 3.113 pessoas num total de 8.250 habitantes ⁴³⁾.

O setor secundário é o mais importante, abrangendo 2.523 pessoas, ou seja, 84% da população ativa; a indústria coureira emprega 1969 dos que exercem atividade naquele setor, correspondendo a 63% dos trabalhadores urbanos. A contribuição feminina ao secundário corresponde a 35% dos ope-

42) — COPSTEIN — Op. cit.

43) — População estimada pelo Departamento Estadual de Estatística para 1963. Para o Município a estimativa é de 9.560 habitantes.

rários. A indústria do calçado emprega 771 mulheres. A alta porcentagem de pessoas que exercem atividade fabril é um elemento caracterizador de Campo Bom como centro industrial.

O terciário conta com apenas 16% da população ativa, porcentagem insuficiente para atender às necessidades que este setor deveria suprir na cidade.

AS FUNÇÕES URBANAS

A função industrial

Campo Bom moderno é fruto de um desenvolvimento industrial relativamente recente.

Com a prosperidade agrícola, apareceram pequenos estabelecimentos destinados à transformação dos produtos da terra. Respondendo a necessidades locais, abriram-se pequenas oficinas. Não foi incomum que a atividade artesanal, exercida na Europa, tivesse sido abandonada pelo imigrante para ser retomada pela geração seguinte ⁴⁴⁾. Esses estabelecimentos apresentavam um caráter familiar e passaram por períodos de franco desenvolvimento entremeados de fases decadentes. Em Campo Bom, o artesanato, na segunda metade do século passado, deveria ser bastante desenvolvido. A relação dos cantores que tomaram parte na inauguração da Igreja Evangélica (1851) ⁴⁵⁾ mostra a profissão de seus componentes: 6 agricultores, 4 curtidores, um carpinteiro, um ferreiro, um sapateiro, um músico e 6 com profissão não declarada ⁴⁶⁾. Há ainda registro de fábricas de louça, sinos e bebidas ⁴⁷⁾. Arrolados, em relatórios ou em estudos, como industriais, não alcançaram gabarito que permita classificá-los como tal. Gutierrez, em 1845, após citar os "Establecimientos de industrias y manufacturas" de São Leopoldo que extraiu do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, datado de 30 de setembro de 1844, nota em rodapé, referindo-se a "industrias y manufacturas": "No se atribuye á estos titulos, la importancia que generalmente tienen al hablar de países adelantados: aqui son estableci-

44) — ROCHE — Op. cit. pg. 367.

45) — BLOS — Op. cit.

46) — Os nomes de cinco destes são precedidos da palavra jovem, donde se conclui que não exerciam atividade profissional.

47) — GUIA de Campo Bom.

mientos que comienzan, movidos por pocos brazos, y à cuyo servicio hai capitales mesquinos unicamente" ⁴⁸⁾.

A modificação das relações com os centros mais adiantados impossibilitou a concorrência do artesanato colonial. Somente a indústria oleira apresenta continuidade até hoje, os outros empreendimentos chamados industriais desapareceram.

A medida em que o empobrecimento do solo reduziu a renda do colono, este foi obrigado a buscar noutras fontes os recursos necessários a sua manutenção. Assim, na confecção doméstica de chinelos, encontrou os meios que lhe possibilitaram um modesto nível de vida. Este fenômeno não é típico só de Campo Bom, registra-se, também, em Novo Hamburgo ⁴⁹⁾.

Em Campo Bom, como se verá, a indústria atual restringe-se às atividades coureiras e oleiras, sendo que a primeira é predominante e ocasionou o desenvolvimento de indústrias conexas.

Aqui o crescimento da indústria processou-se em ritmo mais lento que nas cidades vizinhas, em virtude da escassez de energia elétrica ⁵⁰⁾ que perdurou por muito tempo. Não, porém, os mesmos fatores que interferiram no desenvolvimento de Novo Hamburgo e São Leopoldo, os observados em Campo Bom: A existência de um mercado consumidor próximo que se ampliou com a melhoria do transporte rodoviário, a facilidade da obtenção da mão-de-obra liberada pela agricultura e uma tradição artesanal, explicam o nascimento e o crescimento industrial campobonense.

Capitais ligados às atividades agrícola ou comercial deram o primeiro impulso; a própria indústria forneceu, posteriormente, recursos; o parentesco existente entre muitos industriais está a demonstrar tal fato. É de se considerar que o aparecimento de fábricas, evoluídas de um artesanato recente ou os estabelecimentos que ainda vivem de atividade artesanal, encontraram seus capitais na poupança de trabalhadores que se transformaram em patrões e complementaram as necessidades em dinheiro através de empréstimos familiares ou em caixas rurais.

48) — GUTIERREZ, Juan Maria — Apuntes sobre la colonia Alemana de San Leopoldo in la Provincia del Rio Grande del Sur en el Brasil, pg. 116.

49) — Die Deutsch-Evangelische Gemeinde in Campo Bom.

50) — RELATÓRIO 1934 apresentado ao Interventor Federal Dr. José Antônio Flores da Cunha pelo Prefeito Theodomiro P. Fonseca, pg. 61.

FOTO 7 — Transporte de argila do barroiro para a olaria (foto G. Ludwig)

mais de um quilômetro. Nas olarias de tamanho médio, os diferentes tipos de barro utilizados são misturados e passados em uma máquina, a "passadeira", donde saem em blocos retangulares. A segunda operação consiste em imprimir a argila para se obter a forma da telha que se quer produzir. A prensagem é mecânica. A secagem é feita em prateleiras situadas sob telheiros. À medida que a umidade do barro diminui, as telhas vão sendo colocadas em divisões mais altas donde serão removidas para o forno. A capacidade destes depende do estabelecimento. Numa olaria visitada, cada forno comporta 7.500 telhas e 1.000 tijolos. Estes são dispostos de modo a proteger as telhas do excesso de calor. Os fornos usam lenha como combustível. Cada fornada leva seis dias, sendo quatro de fogo lento e dois de "arrôcho". Prontas as telhas, são as mesmas classificadas em três tipos, sendo que o último, de preço inferior, tem suas falhas cimentadas.

O maior número de olarias situa-se à margem esquerda, na Barrinha. Diferenciam-se estas olarias das da margem oposta tanto pelo tamanho como pelo destino e transporte da produção. As olarias da margem direita são de maior porte.

As terras baixas e inundáveis da margem esquerda dos Sinos, ricas em material argiloso, passaram a ser aproveitadas com a instalação de estabelecimentos oleiros. A Barrinha possuía uma população muito rarefeita que se dedicava a uma agricultura de subsistência. Tentativas agrícolas de maior envergadura ⁵¹⁾ fracassaram. Há cerca de vinte anos surgiu a primeira olaria; de proporções reduzidas, utilizava a força animal. Somente em 1952, com a extensão da rede elétrica de Campo Bom, é que a Barrinha passou a crescer. As olarias multiplicaram-se e hoje, entre médias e pequenas, atingem o número de 11. O desenvolvimento desta indústria ocasionou uma concentração populacional calculada em 600 pessoas. Olarias e casas estendem-se margeando a estrada para Lomba Grande. O casario é modesto e mal conservado. Predominantemente de madeira, ocupam pequenos terrenos dotados de hortas e pomares. Excepcionando-se as olarias, encontra-se na Barrinha uma granja de arroz, um tambo, algumas plantações de eucaliptos e acácias destinadas a fornecer lenha à indústria local. Comunicações entre a Barrinha e Campo Bom são asseguradas por uma

51) — MÜLLER, Dakir — Mathias Müller, Antônio Pioneiro.

barca em precárias condições. A produção média mensal das olarias é calculada em 50.000 telhas e 200.000 tijolos. Porto Alegre, Nôvo Hamburgo e São Leopoldo são os principais mercados compradores. O transporte rodoviário garante o escoamento da produção; as empresas maiores possuem frota própria. Estas olarias começaram como empreendimentos muito pequenos e, em tempo relativamente curto, algumas se transformaram em médios. As pequenas olarias possuem uma produção que se destaca pela qualidade superior. A falta de recursos financeiros obriga-as a vender por preços inferiores aos obtidos pelos concorrentes de maior porte. Predomina nas olarias mão-de-obra masculina; é muito comum o aproveitamento de menores para certos serviços. A quase totalidade dos trabalhadores é de descendência germânica. Quando a produção aumenta, no verão, as olarias empregam agricultores de áreas vizinhas, principalmente, de Lomba Grande, para as tarefas que não exigem qualificação. Esta mão-de-obra é muito instável, mas abundante ⁵²⁾.

As olarias da margem direita destinam sua produção, sobretudo, para a fronteira gaúcha. Foi, em virtude de um acordo, há cerca de 40 anos, com a indústria similar de Montenegro e São Sebastião do Cai, que estes estabelecimentos passaram a fornecer aquela área. O transporte utilizado é essencialmente o ferroviário. Aliás, a maior parte da mercadoria transportada pelo trem, hoje, em Campo Bom, é constituída por telhas e tijolos. Antigamente o Rio dos Sinos era a via de escoamento. Além de utilizar barcos particulares para o transporte, uma das olarias possuía embarcação própria. Então, as cidades do vale dos Sinos, Porto Alegre e o sul do Estado eram os mercados compradores. A mão-de-obra utilizada nesta área é constituída especialmente por elementos mestiços descendentes de antigos tripulantes dos barcos movidos a vara. Primitivamente, os empregados não tinham tarefa determinada, eram destacados para trabalhar tanto na olaria como nas plantações da propriedade. O número de olarias é de 7. Dados obtidos em três delas permitem avaliar a sua produção em aproximadamente 3 milhões de telhas.

52) — Estes trabalhadores exercem sua atividade alguns dias e voltam para sua propriedade.

A indústria do couro

A planta funcional evidencia a importância numérica da indústria coureira de Campo Bom. Em plena fase de crescimento, as fábricas de calçados constituem a própria razão da existência da cidade. Na forma com que se apresenta, atualmente, a indústria é resultante de um processo de desenvolvimento que não data de mais de um quarto de século.

A fabricação caseira de chinelos, durante muito tempo, constituiu distintivo de Campo Bom ⁵³⁾. A matéria prima era abundante, não devido à produção local, mas em virtude do comércio com a região de Cima da Serra. Pequenos curtumes que preparavam couros para serem enviados a Nôvo Hamburgo e São Leopoldo ⁵³⁾, atendiam às necessidades locais. Da antiga estrutura coureira só permaneceu um curtume, que evoluiu na mesma organização criadora da primeira fábrica de calçados. A moderna indústria do couro é fruto da iniciativa do comerciante J. Vetter: O curtume foi transferido do Morro das Pulgas, onde se situava o armazém, para a esquina das atuais ruas Andradas e Voluntários da Pátria (Planta Funcional) e a chinellaria deu lugar a uma fábrica de botas e sapatos. A adaptação da mão-de-obra à nova produção foi feita com auxílio de técnicos vindos de fora. Em 1916, foi construído o atual prédio (Foto 8) da fábrica. Esta foi instalada dispondo de energia própria; a maquinaria foi obtida mediante aluguel, como era hábito então na indústria de calçados. Posteriormente, foram adquiridas outras máquinas pela empresa.

A iniciativa dos Vetter teve profunda repercussão na vida de Campo Bom. Abriu novas possibilidades de emprego à população, serviu de escola para o preparo de trabalhadores em calçados, criando condições ao aparecimento de indústrias congêneres, porque foi a formadora de inúmeros elementos que a deixaram para se estabelecer por conta própria. Observa-se o mesmo fenômeno em empresas mais novas, onde contramestres ou pessoal da administração retiram-se para criar novas fábricas (Foto 9). Pôde-se apurar que 12 das atuais foram fundadas por antigos empregados de Vetter S/A. e três por ex-funcionários de Calçados Jubileu S/A. ⁵⁴⁾.

53) — GUIA Informativa de Campo Bom — 1960.
54) — Plano Diretor de Campo Bom 1951.

FOTO 8 — A primeira fábrica de calçados junto à estação ferroviária. Ao fundo as colinas com euca-
liptais (foto G. Ludwig)

FOTO 9 — Uma moderna fábrica de calçados (foto do autor)

As fábricas iniciam-se, em geral, modestamente, com número reduzido de empregados, mas não é incomum que se formem pequenas sociedades, cujos membros são ao mesmo tempo administradores e operários. Torna-se expressivo o crescimento fabril após 1940, mas é a partir da década da emancipação municipal que são fundadas 58% das fábricas existentes no município. O quadro 7 é a confirmação desta assertiva. Em 1953, Campo Bom possuía 25 estabelecimentos dedicados à manufatura de calçados ⁵⁴⁾; só no ano seguinte, foram criadas mais nove. Em 1958, totalizavam 49 e, em 1964, 50. Chama a atenção não somente o elevado número de fábricas que surgem, mas o das que desaparecem. A falta de documentação impede um estudo mais completo. Contudo, apurou-se que 12 das existentes em 1958, encerraram as suas atividades no decorrer dos seis

QUADRO 7 ⁵⁵⁾

Fundação das fábricas de calçados

Período	N.º de Fábricas
1900-1940	5
1941-1945	8
1946-1950	8
1951-1955	6
1956-1960	2
1961-1964	9

OBSERVAÇÃO: Este quadro se refere a 76% das fábricas existentes em 1964.

anos que se seguiram. O fechamento de tantas fábricas, em curto espaço de tempo, não encontra justificativa em crise da indústria de calçados tanto que, continuamente, estão aparecendo novas firmas. Dois estabelecimentos atingidos por incêndio não conseguiram reconstituir-se, dois outros não encontraram substitutos para a direção, um foi transferido para

55) — Os dados foram obtidos através de um questionário remetido a toda indústria de Campo Bom.

Sapiranga e sete sofreram as conseqüências de administração deficiente. Eram fábricas pequenas que cresceram e não tiveram quadros dirigentes adaptados às novas circunstâncias. A desvalorização contínua da moeda deve, também, ter cooperado para a sua insolvência.

Até bem pouco tempo, o maior obstáculo à expansão da indústria de calçados em Campo Bom foi a insuficiência de energia elétrica. Esta, inicialmente era fornecida por pequenos motores pertencentes à própria indústria. Somente em fins de 1925 ⁵⁶⁾ é que Campo Bom foi contemplada com rede elétrica; a energia provinha da usina de São Leopoldo. O consumo geral de força aumentou rapidamente (Quadro 8). Em meados da década de 30, o governo municipal, viu-se na contingência de tomar medidas a fim de melhorar o fornecimento de energia no segundo distrito. O relatório municipal de 1934 ⁵⁷⁾ salienta que Campo Bom "é um lugar de muitas indústrias mas péssimamente atendido nos serviços

QUADRO 8 ⁵⁸⁾

Consumo de força em Campo Bom

Ano	Kwh
1926	10.341
1934	29.436
1938	71.265
1959	616.805
1960	707.974
1961	756.013
1962	864.470
1963	916.850
1964 *	1.060.617

* Os meses de novembro e dezembro foram estimados.

56) — RELATÓRIO 1926 apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo Intendente Cel. João Corrêa P. da Silva — pg. 31.

57) — RELATÓRIO 1934 — pg. 31.

58) — Relatórios da Prefeitura de São Leopoldo, vários anos e Divisão de Estatística da C.E.E.B.

de eletricidade". A situação, no entanto, vai normalizar-se quando os serviços de fornecimento de energia passam à órbita da Comissão Estadual de Energia Elétrica (1947) ⁵⁹⁾ que conectou a rede de Campo Bom ao sistema Jacui-Canastra-São Jerônimo.

No atual estágio de desenvolvimento em que se encontra a indústria coureira, as suas fontes abastecedoras não são mais as mesmas do início do século. A indústria de curtição local, sendo insuficiente para satisfazer a demanda das fábricas de Campo Bom, leva-as a adquirir couro de várias procedências. Na aquisição do couro a importância de Novo Hamburgo, entre 24 fornecedores ⁶⁰⁾, é ímpar. Não se limita, porém, ao couro a ligação entre a indústria campobonense e hamburguesa. Novo Hamburgo contribui de forma destacada com outros implementos usados no fabrico de sapatos. São Paulo, Porto Alegre e São Leopoldo são outros fornecedores.

Na fabricação de calçados dominam as empresas que se dedicam à feitura de sapatos para senhoras. De 35 fábricas que declararam a sua especialidade ⁶⁰⁾, 4 produzem calçados para homens, 6 para crianças e 23 para senhoras; ainda há uma que confecciona chinelos e sandálias. Em 1963, 31 destes estabelecimentos produziram, em conjunto, 2.644.599 pares de calçados, distribuídos conforme mostra o quadro 9.

Os calçados de Campo Bom encontram colocação praticamente em todas as unidades da Federação ⁶⁰⁾. São Pau-

QUADRO 9 ⁶⁰⁾

Produção de calçados

Tipo	N.º de Pares	N.º de Fábricas
Calçados p/Senhoras	1.646.329	22
Calçados p/Homens	321.336	3
Calçados p/Crianças	121.934	5
Chinelos, sandálias	555.000	1

59) — Relatório 1962 C.E.E.E.

60) — Inquérito Industrial.

lo e Rio Grande do Sul constituem o seu principal mercado, seguindo-se a Guanabara, Minas Gerais e Santa Catarina. São as capitais as maiores compradoras, mas o calçado atinge, também, o interior dos estados.

A indústria de calçados de Campo Bom segue os padrões das similares do vale dos Sinos. Não há fabricação em série como se observa no mesmo ramo de atividade em outras áreas. O calçado de luxo para senhoras, o chamado "Luís XV", é todo feito à mão. Os outros modelos apresentam muita variação, em virtude das exigências da moda, que é inconstante. Por isto a indústria, mesmo bem aparelhada em maquinaria, necessita executar cerca de 70 operações manuais.

Levando em conta o número de operários, a indústria de calçados apresenta pequenos e médios estabelecimentos. As fábricas que empregam 50 ou mais operários são em número de 11; entre 30 e 50 operários existem 8; entre 10 e 30 operários, 12; com menos de 10 trabalhadores há 19 estabelecimentos. Dominam as pequenas empresas, como revelam estes dados. É de se destacar, porém, que 6 fábricas possuíam mais de 100 operários; uma destas dá ocupação a cerca de 300 pessoas.

Principal atividade campobonense, a confecção de calçados empregou, em 1963, 1.949 pessoas. Registra-se a existência de trabalhadores que recebem da fábrica tarefas para executá-las em casa.

Como uma decorrência da própria indústria de calçados, surgiram duas metalúrgicas especializadas em máquinas para o fabrico de sapatos, uma fábrica de cola, uma de fôrmas para calçados, uma de caixas de madeira, duas de caixas de papelão e uma gráfica. Estas fábricas atendem, principalmente, às solicitações de Campo Bom, mas, também, têm entre os seus consumidores indústrias situadas nos municípios vizinhos. A produção de caixas de papelão atingiu a 3.600.000 de unidades, em 1963, e a de caixas de madeira, a um milhão.

Função Comercial

O comércio campobonense não apresenta o desenvolvimento que se poderia esperar em um núcleo de 8 mil habitantes. Os estabelecimentos varejistas impressionam quan-

to ao número no que se refere ao comércio alimentar. Entre armazéns e bares, espalhados por toda a área urbana, contaram-se 72. São negócios de pequenas proporções onde, na grande maioria dos casos, o atendimento é feito pelo proprietário auxiliado pela esposa. Não há grande variedade de mercadorias e os preços são relativamente altos. O comércio de vestuário é representado por lojas modestas. Existem ainda farmácias, relojoarias e bazares. O pequeno movimento que apresentam estas casas comerciais é explicado pela facilidade que o campobonense encontra para abastecer-se em comestíveis como em outras utilidades na cidade de Nôvo Hamburgo. O comércio de detalhe hamburguês é bastante rico e variado, além de oferecer melhores condições de aquisição.

A rede bancária é formada por 4 agências. Entretanto, a indústria campobonense acha-se relacionada neste setor com Nôvo Hamburgo que possui uma filial do Banco do Brasil, e ainda com Pôrto Alegre.

O TRANSPORTE E OS SERVIÇOS URBANOS

A importância do transporte rodoviário é marcante na vida de Campo Bom. O rio praticamente é destituído de navegação e a Viação Férrea tem o seu movimento reduzido a um trem diário ⁶¹⁾. A carga transportada por ferrovia é predominantemente constituída por telhas e tijolos; o transporte de calçados é reduzidíssimo. O movimento de passageiros, muito pequeno.

O transporte rodoviário é o principal meio de escoamento da produção de Campo Bom. Existem na cidade uma empresa que transporta as mercadorias destinadas a Pôrto Alegre e duas agências que recolhem carga dirigida para outros pontos do território nacional.

Seis linhas diárias de ônibus, totalizando um número elevado de veículos, garantem o transporte de passageiros de Campo Bom para Nôvo Hamburgo, São Leopoldo, Sapiranga, Taquara e Pôrto Alegre. A maior frequência deste serviço se dá entre Campo Bom e Nôvo Hamburgo com 15 viagens redondas, diariamente, e entre Campo Bom e São Leo-

poldo com 9 viagens. A concessionária destas últimas linhas é uma companhia local. Em parte do percurso os ônibus que se dirigem a Nôvo Hamburgo ou a São Leopoldo servem como sistema de transporte urbano. O movimento de passageiros na cidade não é muito grande, seja pela pequena extensão da mesma, seja pelo uso da bicicleta que é o meio de locomoção preferido pelo operário. O número de passageiros embarcados e desembarcados em Campo Bom, no ano de 1962, totalizou 404.198, dos quais 70% viajaram na linha Campo Bom-Nôvo Hamburgo. Não se pôde esclarecer o número de passageiros por destino porque os dados existentes referem-se à pessoas embarcadas por linha e não por local de desembarque.

A cidade não conta com serviços públicos de água e esgoto. As casas dispõem de poços para o suprimento de água.

O serviço telefônico é mantido pela Cia. Rio-Grandense de Telecomunicações. O telefones não são automáticos e o seu número é insuficiente.

A instrução é mantida pelos governos estadual e municipal. A comunidade evangélica sustenta uma escola. Dos 20 estabelecimentos, somente um é de nível médio e ministra ensino comercial.

A cidade possui um pequeno hospital com 12 leitos.

CAMPO BOM E OS MUNICÍPIOS PRÓXIMOS

O estudo da frequência dos serviços de ônibus interurbanos é um método que pode ser utilizado para apreciar a zona de influência de uma cidade ⁶²⁾, determinando os núcleos que se encontram sob sua dependência.

Já se viu anteriormente a importância das comunicações rodoviárias de Campo Bom com os municípios próximos. A frequência das linhas de ônibus que servem a Campo Bom denota uma movimentação diária de passageiros para diversas localidades situadas a pequenas distâncias. Para saber a causa do movimento cotidiano procedeu-se a uma inquirição durante um dia. Indagou-se a 348 pessoas, que no espaço compreendido entre 7,30 horas e 20,40 horas, tomaram

61) — A Viação Férrea Nacional pretende extinguir a Linha Nôvo Hamburgo-Taquara.

62) — DERRUAU, Max — Précis de Géographie Humaine, pg. 498.

condução na estação rodoviária de Campo Bom, para onde se dirigiam e o porquê da viagem. Os resultados obtidos permitiram estimar o grau de importância das ligações de Campo Bom com a área a que pertence. Dos viajantes, 46% dirigiram-se a Nôvo Hamburgo, 14% usaram o transporte como meio de locomoção urbana, o restante deslocou-se para Sapiranga, 11%; Quatro Colônias ⁶³⁾, 9%; São Leopoldo, 6%; Porto Alegre, 5%; Taquara, 2% e com destinos diversos, 7%.

O intenso relacionamento com Nôvo Hamburgo, já acentuado em outras oportunidades, é ressaltado pela razão dos deslocamentos. As compras constituíram a causa da viagem de 26% dos que se dirigiram a Nôvo Hamburgo, o que reflete a pouca importância do comércio varejista campobonense. Soube-se ser esta porcentagem muito maior nos dias de pagamento da indústria, quando as donas de casa vão ali abastecer-se com gêneros diversos. Seguem-se os estudantes com 21%; a preferência dos pais pela escola hamburguesa deve-se à educação religiosa ministrada nos estabelecimentos particulares de ensino. Os laços de parentesco ou amizade entre habitantes de Nôvo Hamburgo e Campo Bom resultam em visitas periódicas; 19% dos passageiros viajaram a fim de encontrar-se com familiares e conhecidos. Residentes em Campo Bom, exercendo atividade no município vizinho, totalizaram 12% e a mesma porcentagem foi registrada em relação a pessoas que buscavam recursos médicos. Industriais e negociantes, a serviço de suas firmas, constituíram 9% dos passageiros.

Um movimento em sentido inverso pode ser notado. Residentes em Nôvo Hamburgo que tomaram condução na Estação Rodoviária ⁶⁴⁾ totalizaram 45 pessoas. 62% destas exercem sua atividade em Campo Bom, 27% são constituídos por estudantes. Um número apreciável dos componentes destes dois grupos é formado por moradores de Canudos e Hamburgo Velho, bairros próximos a Campo Bom. Vários motivos levaram os restantes a Campo Bom.

As relações com Sapiranga apresentam menor intensidade do que com Nôvo Hamburgo. A Escola Normal existente naquela cidade atraiu a maior porcentagem de viajantes. Para São Leopoldo também se destaca um movimento de es-

63) — Zona rural de Campo Bom.

64) — Muitos passageiros não embarcam na Estação Rodoviária de C. Bom.

tudantes que vão em busca das escolas superiores ali existentes.

As ligações entre Campo Bom, Sapiranga, São Leopoldo, Taquara e outros municípios que constituem a área de influência migratória de Campo Bom são mais intensas nos dias feriados ou em fins de semana quando são freqüentes as visitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evoluindo da atividade rural para a industrial, Campo Bom conseguiu garantir a sua sobrevivência ao mesmo tempo que a vila linear adquiriu fisionomia urbana. A adaptação à nova função foi possível pelo aproveitamento dos recursos oferecidos pela área e pela existência de mão-de-obra com tradição artesanal. Evitou, assim, Campo Bom o destino de outros núcleos, cuja decadência agrícola e isolamento geográfico impediram uma reformulação econômica.

O couro, cedo objeto de um comércio de proporções modestas, tornou-se a matéria prima que permitiu aos campobonenses um novo meio de vida.

O crescimento da indústria foi lento até 25 anos atrás. Esta lentidão prendeu-se especialmente à falta de energia elétrica; há uma relação óbvia entre a melhoria no fornecimento de eletricidade e o aumento do número de fábricas.

Porto Alegre será, inicialmente, o destino da produção local, em virtude da facilidade de transporte proporcionado pela ligação ferroviária. Posteriormente, a rodovia permitiu a conquista direta de mercados em pontos distantes do País.

A industrialização expandiu a área citadina, o sítio de crescimento começa a estender-se pelas encostas menos íngremes.

Os estabelecimentos industriais modernos beneficiaram-se de uma mão-de-obra que possuía experiência em trabalhar o couro. Algumas das atuais fábricas organizaram-se sob a forma de pequenas oficinas de caráter familiar. Esta modalidade de evolução fabril verifica-se ainda hoje. O artesanato, em Campo Bom, nos dias que correm, não guarda vinculação com o existente no passado. A criação e o desaparecimento de um número apreciável de fábricas em um

pequeno espaço de tempo é devido ao despreparo de seus dirigentes, antigos trabalhadores em calçados, frente aos problemas administrativos ou financeiros apresentados por uma indústria em expansão.

O progresso da indústria oleira estendeu a cidade pelas terras próximas ao rio. Um bairro formou-se, à margem esquerda do Sinos — a Barrinha — em função do desenvolvimento das olarias.

Atualmente, os habitantes de Campo Bom naturais de outros municípios representam uma porcentagem bastante elevada de sua população. A existência de corrente migratória é uma decorrência das numerosas oportunidades de emprego oferecidas, em especial, pela indústria de calçado. As peculiaridades da indústria oleira ocasionam um movimento migratório sazonal proveniente de área agrícola próxima. Os dados censitários mostram que a população urbana dobrou em períodos decenais, enquanto a população rural tende a diminuir.

A alta porcentagem de população ativa no setor secundário identifica Campo Bom como cidade industrial, e a alta absorção da mão-de-obra pela manufatura do couro confere-lhe feição mono-industrial.

A expansão de Campo Bom e Novo Hamburgo que teve como eixo a antiga picada da Costa da Serra, justapôs as duas cidades, constituindo uma conurbação. As relações são bastante estreitas. Campo Bom inegavelmente integra-se na área de influência de Novo Hamburgo. A dependência de Campo Bom prende-se à inexistência na cidade de uma organização fornecedora de matéria prima que satisfaça ao consumo local, e à deficiência do setor terciário. Novo Hamburgo pela sua proximidade e pelo seu desenvolvimento impõe-se como o principal fornecedor. Campo Bom, porém, sendo auto-suficiente no que tange ao capital propulsor de sua indústria, conserva uma individualidade que a caracteriza como cidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Anuário Demográfico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Departamento Estadual de Estatística. Vários anos.

Anuário do Estado do Rio Grande do Sul, para o ano de 1904, publicado sob a direção de Graciano A. de Azambuja. Porto Alegre, Ed. Krahe & Cia., 1903, 432 pg.

ARGOACIM DE MAZUMBA [Graciano A. de Azambuja] — *Belezas Naturaes do Rio Grande do Sul*. Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1896 publicado sob a direção de Graciano A. de Azambuja. Porto Alegre, Ed. Gundlach & Cia. Livreiros, 1895. 12: 177/186.

AVÉ-LALLEMANT, Roberto — *Viagem pelo Sul do Brasil [Reise Durch Süd Brasilien]* — Tradução Teodoro Cabral. 1.^a Ed. Bras. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1953, 2 v.

BLOS, Edwino — *O Novo Município de Campo Bom*. Fôlha de Campo Bom. Campo Bom. 28/3/1959, pg. 3-4, c. 4.

Censo Demográfico do Estado do Rio Grande do Sul — População e Habitação — Recenseamento Geral do Brasil (1.7.1940) Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1950. 307 pg.

Censo Demográfico do Estado do Rio Grande do Sul — VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950. Rio de Janeiro, I.B.G.E. — Conselho Nacional de Estatística, 1955. 134 pg.

COPSTEIN, Raphael et alii — *Aspectos Populacionais do Rio Grande do Sul, 1950-1960*. Porto Alegre, U.R.G.S. Faculdade de Filosofia, Departamento de Geografia e Secretaria de Obras Públicas, Divisão de Urbanismo e Habitação, dezembro 1962. 100 pg.

DERRUAU, Max — *Précis de Géographie Humaine*. Paris, Lib. Armand Colin, 1961. 572 pg.

Die Deutsch — *Evangelische Gemeinde in Campo Bom (S.N.T.)*.

Guia de Campo Bom (S.N.T.).

GUTIERREZ, Juan Maria — *Apuntes sobre la colonia Alemana de San Leopoldo in la Provincia del Rio Grande*

del Sur en el Brasil. Recojidos sobre los mismos lugares, en el mes de setiembre de 1845. **Boletim Municipal Legislação e História**. São Leopoldo 1(1):101-142, jan./jun. 1946.

HILLEBRAND, J. D. — Relatório Apresentado ao Governo da Província pelo Dr. João Daniel Hillebrand, Ex-Diretor das Colônias, 1854. **Rev. do Archivo Público do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre (15-16): 337-438, set.-dez. 1924.

HILLEBRAND, et alii — Relatório apresentado pela Câmara Municipal de São Leopoldo ao Conselheiro Ângelo Muniz da Silva Ferraz, Presidente da Província, 1858. **Rev. do Archivo Público do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre (15-16): 443-496 set.-dez. 1924.

Hundert Jahre Deutschum in Rio Grande do Sul, 1824-1924. Porto Alegre, Typographia do Centro, 1924, 568 pg.

MORRIS, H. Robert — Geologia Geral das Quadrículas de Gravataí, Taquara e Rolante — Rio Grande do Sul, Brasil. Escola de Geologia de Porto Alegre, Gráfica da Universidade do Rio Grande do Sul, 1963. 38 pg. (Escola de Geologia. 5).

MÜLLER, Dakir — Mathias Müller, Autêntico Pioneiro. Fôlha de Campo Bom. Campo Bom, 20/3/1953. Pg. 27-29 c. 4.

PELLANDA, Ernesto — A Colonização Germânica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Globo, 1925. 194 pg.

PETRY, Leopoldo — São Leopoldo, Berço da Colonização Alemã do Rio Grande do Sul. Monografia. 2.^a Ed. São Leopoldo, Prefeitura Municipal de São Leopoldo, Of. Gráficas Rotermund & Cia. Ltda. 1964. 209 pg.

PETRY, Leopoldo — Novo Hamburgo, Florescente Município do Vale do Rio dos Sinos. Monografia. 4.^a Ed. São Leopoldo, Ed. Rotermund & Cia. Ltda. 1963. 156 pg.

Plano Diretor de Campo Bom — 1954, elaborado na

Administração do Prefeito Germano Hauschild. Projetado na Diretoria de Obras da Prefeitura Municipal de São Leopoldo, pelo Engenheiro-Arquiteto Florêncio Ávila da Luz. 20 pg.

RAMBO, Balduino Pe. — A Imigração Alemã. **Enciclopédia Rio-Grandense**. V. 1 Organizada pelo Dr. Klaus Becker. Ed. Regional Ltda. Canoas, RS.

Relatório 1962 C.E.E.E Serviço de Estatística e Divulgação (Secretaria de Energia e Comunicações do Estado do Rio Grande do Sul). 238 pg.

Relatório 1922 apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo Intendente Mansueto Bernardi em 12 de outubro de 1922. São Leopoldo. Ed. Rotermund. 122 pg.

Relatório 1926 apresentado ao Conselho Municipal de São Leopoldo pelo Intendente Cel. João Correa F. da Silva. São Leopoldo, Of. Gráfica Rotermund & Cia. 86 pg.

Relatório 1929 apresentado ao Conselho Municipal pelo Intendente Theodomiro Porto da Fonseca em 12 de outubro de 1929. São Leopoldo, Of. Gráfica Rotermund & Cia. 152 pg.

Relatório 1934 apresentado ao Interventor Federal Dr. José Antônio Flôres da Cunha pelo Prefeito Theodomiro Porto da Fonseca. Of. Gráfica Rotermund & Cia. 97 pg.

ROCHE, Jean — As Bases Físicas e a Ocupação do Solo no Rio Grande do Sul. **Boletim Paulista de Geografia** A. G. B. São Paulo (28):37-69. Março 1958.

ROCHE, Jean — La Colonization Allemande et le Rio Grande do Sul. Paris, Université de Paris — Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1959, 703 pg.

Sinopse Preliminar do Censo Demográfico do Estado do Rio Grande do Sul — VII Recenseamento Geral do Brasil — 1960. Rio de Janeiro, I.B.G.E. S.N.R. Out. 1961. 70 pg.

VALVERDE, Orlando — Excursão à Região Colonial Antiga do Rio Grande do Sul. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro 10 (4):477-534, out.-dez. 1948.

WAIBEL, Leo — Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. Rio de Janeiro, I.B.G.E. C.N.G. 1958. 307 pg.

CARTA E PLANTA CONSULTADAS

Planta Topográfica de uma parte do Município de São Leopoldo. Ernst Mützeli agrimensor, Adalbert Jahn engenheiro 1870, Copiado em 1953. Escala 1 : 75.000.

Planta Topográfica e Cadastral da Vila de Campo Bom, 2.º Distrito do Município de São Leopoldo 1953. Serviço Executado pela Diretoria de Topografia e Cadastro da Prefeitura Municipal. Elaborada na Administração do Prefeito Germano Hauschild. Levantamento e nivelamento de Atacício N. Cardoso.